

# Plano Piloto - DF

CARLOS MAGALHÃES

Arquiteto

JORNAL DE BRASÍLIA

DF - Brasília

24 NOV 1996

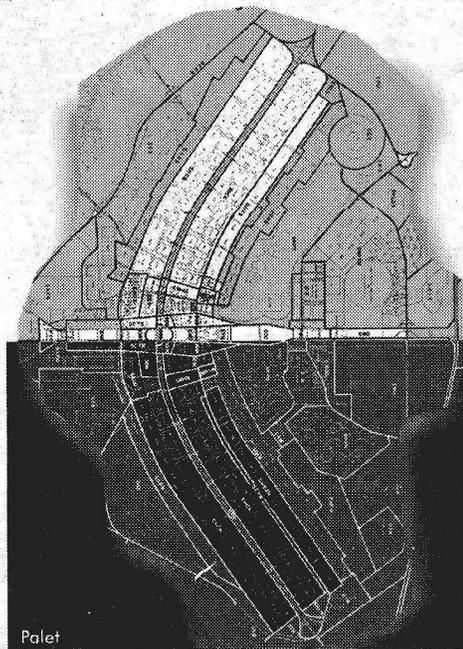
Há tempos venho discutindo Brasília, suas opções de crescimento e seus problemas. Quando fui Secretário de Obras do Governo José Aparecido, essas questões foram sempre relevantes e o Dr. Lúcio, urbanista da cidade, examinou-as e produziu o documento "Brasília Revisitada", considerado na época o Plano Diretor que devia orientar o crescimento da Brasília planejada.

Logo começamos a desenvolver os projetos complementares à proposta do Dr. Lúcio e quando deixamos o governo, parte das quadras econômicas do Guará estava construída e o Setor Sudoeste, com as vias e quadras locadas, tinha condições de receber a infraestrutura projetada.

Da mesma forma que o Plano Piloto, as cidades satélites cresciam de forma disciplinada, tendo em vista as suas necessidades, os recursos naturais presentes na nossa região e a arrecadação do governo somada aos repasses feitos pela União. O planejamento era presente e o Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente (CAUMA), examinava com rigor as propostas técnicas apresentadas.

O que se viu depois, foi a política eleitoreira instalar-se, foram os assentamentos irresponsáveis, o inchaço dos loteamentos irregulares, a dis-

tribuição de lotes provocando migração espantosa e a insensatez de não planejar. Mesmo assim, o crescimento da população do Plano Piloto não foi tão grande, mas em compensação os loteamentos irregulares, o entorno, as antigas e as novas satélites aumentaram de forma insuspeitada, causando problemas que só estávamos habituados a ver na velhas cidades gran-



des, mal administrados e mal planejadas. O desemprego, a miséria, o crime, as drogas, a prostituição foram inevitáveis e a falência dos serviços públicos, a consequência natural da ação predadora dos "administradores públicos", que sobrepõem os seus interesses e os de seus gru-

pos aos interesses da maioria.

Resumindo, o que vem acontecendo é o crescimento descontrolado e sem limites da área urbana do Distrito Federal, estimulado pelo governo que administra, através da Terracap, um patrimônio fantástico e único no Brasil. O GDF é o proprietário (51%) de mais de 60% da área do Distrito Federal e diante da omissão dos representantes do Governo Federal (49%), faz dela o que bem entende. Por conta disso, a Terracap loteia, troca, vende e quando não pode, facilita a doação sem critérios justificados. Como consequência da expansão urbana, a demanda pelos serviços públicos cresce e a falta de recursos provenientes da pequena arrecadação impõe perda progressiva na qualidade de vida dos moradores e não é raro ouvirmos

o Governo Local, na suas lamúrias, responsabilizar o Governo Federal pelos problemas que nos aflige. Os nossos administradores não planejam o crescimento da cidade, como era de se esperar, e por esta razão o Governo Federal nunca sabe quando vai gastar nas áreas tradicionalmente sob a sua responsabilidade. Educação, Saúde e Segurança.

Essa situação já se tornou insustentá-

vel, porque de um lado está o Governo Local que não consegue aumentar a atividade econômica para produzir recursos, e responsabiliza o Governo Federal pela falência dos serviços públicos; do outro, o Governo Federal que não pode simplesmente abrir os seus cofres, é obrigado a socorrer a comunidade da Capital da República mal administrada.

Dessa maneira, o impasse fica definitivamente criado e só imagino duas hipóteses para resolvê-lo: ou o Governo Federal interfere diretamente no planejamento do DF para impedir os excessos e saber quanto vai desembolsar, o que acho muito difícil, ou vai apoiar o Senador Francisco Escócio que

como eu, o advogado Paulo Castelo Branco e tantos outros, defendem a tese da redução do território do Distrito Federal.

O Distrito Federal deve ser território federal, bancado com recursos da União, ter a sua superfície reduzida para se tornar viável, porque como está, representa um problema crescente e insolúvel. É esperar para ver.

**s administradores  
de Brasília não  
planejam  
o crescimento  
da cidade, por isso  
o Governo Federal  
nunca sabe quanto  
vai gastar**